

CRIAÇÃO & CRÍTICA

EDITORIAL**CONTINUAR HENRI MESCHONNIC**

Álvaro Silveira Faleiros¹
Rafael Mendes²
Roberto Zular³

Nos últimos anos, a obra de Henri Meschonnic (1932-2009) tem ganhado destaque no cenário acadêmico brasileiro, especialmente no âmbito das pesquisas sobre linguagem. Este fenômeno se reflete em publicações nas áreas de teoria literária e de estudos poéticos, com alguma ênfase em tradução. O autor francês desperta o interesse da comunidade universitária brasileira, ainda que a tradução de suas obras para o português seja limitada a poucos livros e alguns artigos. Talvez, essa ausência esteja associada aos desafios impostos pela tradução de suas teorias, somados às peculiaridades de seu estilo de escrita, frequentemente considerado de difícil compreensão.

A aventura intelectual proposta por Meschonnic, com o seu enfoque na noção de ritmo contra os binarismos do signo, implica uma mudança significativa nas abordagens convencionais sobre linguagem e seu estudo. Mais do que uma teoria e um método para a sua aplicabilidade, Meschonnic propõe que compreender a linguagem é em si uma experiência do sujeito na linguagem. Por esse motivo, a sua obra nos convida a uma jornada rumo ao desconhecido, como uma epopeia, mas aqui uma epopeia que é a escuta da oralidade dos textos.

No colóquio que deu origem a este número, buscamos destacar as experiências que compõem a atualidade das reflexões sobre a obra de Meschonnic no Brasil. Na ocasião, propusemos três questões fundamentais: qual é a situação atual dos estudos brasileiros de Meschonnic? Quais são os campos de pesquisa que percorrem o pensamento do autor francês? E, por fim, quais são as perspectivas para o estudo da obra de Meschonnic no Brasil? Com essas diretrizes estabelecidas, e em função dos artigos efetivamente recebidos pelos colegas que participaram do colóquio e por outros que se juntaram a nós por meio da chamada para este número, distribuímos os textos em quatro partes.

¹ Doutor em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (2003). É professor titular em Poética da Tradução na USP, poeta e tradutor. E-mail: faleiros@usp.br

² Doutor pela Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris 3. E-mail: cmendes.rafael@gmail.com

³ Doutor em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (2001). É professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). E-mail: rzular@usp.br

CRIAÇÃO & CRÍTICA

A primeira parte “Linguagem” abre a discussão do número com o tema que fundamenta a obra de Meschonnic. Valdir do Nascimento Flores apresenta uma reflexão sobre a teoria da linguagem do poema-tradutor francês, abordando a noção de “pensar” para entender as relações de contínuo e descontínuo na linguagem. Daiane Neumann explora a busca por um espaço de discussão sobre o contínuo da linguagem, ancorando-se no contínuo que o pensamento de Meschonnic estabelece com os linguistas Wilhelm von Humboldt e Émile Benveniste. Maria Sílvia Cintra Martins aborda a teorização de Meschonnic, explorando conceitos-chave como signo, sujeito do poema, historicidade, poética e modernidade.

A segunda parte “Ritmo” busca abordar o conceito que mais transforma e é transformado pela obra de Meschonnic. Roberto Zular investiga a temporalidade e o ritmo como desdobramentos internos do signo e do poema, com enfoque em uma leitura de Drummond via Meschonnic. André Goldfeder analisa afinidades e relações entre Meschonnic e Beckett, destacando discussões sobre a teatralidade que se desdobra em ritmo, significância, sujeito e “modernidade da modernidade”. Bruno Jalles explora a tentativa de Meschonnic de transcender os limites do estruturalismo através do conceito de ritmo, com uma análise da contribuição de João Cabral de Melo Neto. Fernando Paixão examina as ideias de Meschonnic sobre o poema em prosa, enfocando as implicações do ritmo na compreensão desse gênero híbrido.

A terceira parte “Traduzir” se debruça sobre a parte teórico-prática que cabe à obra do poeta-tradutor francês. Rafael Mendes propõe uma reflexão sobre a tradução para o português da obra poética de Meschonnic, abordando a situação da sua obra no Brasil, o problema que impõe uma poética do contínuo e concluindo com uma experiência tradutória de alguns poemas de Meschonnic. Álvaro Silveira Faleiros reflete sobre as primeiras leituras brasileiras da poética da tradução de Meschonnic realizadas por Haroldo de Campos e Mário Laranjeira. Leandra Yunis aborda a historicidade e a alteridade em Meschonnic, relacionando-as a teorias da história na tradução da poesia sufi. Guilherme Gontijo Flores explora as condições para dar continuidade ao pensamento de Meschonnic, destacando as relações entre poesia, métrica e música na tradução de Homero.

Por fim, a quarta parte “Ética” conclui o número com artigos que tratam dos temas éticos que envolvem o pensamento de Meschonnic. Maria Araújo Ferreira discute a ética da tradução a partir do ponto de vista de Meschonnic, considerando a relação entre alteridade e originalidade. Ji Yun Kim explora a ética da tradução em Meschonnic à luz do pensamento de Spinoza e Benveniste, conectando-a à liberdade do sujeito do poema e à tradução do ritmo. Estevan Ketzer aponta elementos relacionados à letra Aleph na tradição hebraica, explorando a crítica do ritmo de Meschonnic e as contribuições de Benjamin e Scholem para a tradução de elementos linguísticos de difícil expressão, tal como a mais simples passagem do ar pela garganta cifrada na letra aleph.

Desse modo, esta coletânea de artigos sobre Meschonnic, fruto do colóquio homônimo, realiza a sua proposta inicial de continuar Meschonnic: continuá-lo, transformá-lo, reinventá-lo a partir de outros pontos de vista e de outras



nº37

CRIAÇÃO & CRÍTICA

historicidades. O leitor brasileiro tem agora em mãos uma espécie de resumo em constante abertura para alguns dos seus principais temas e, principalmente, para a possibilidade contínua de criar conexões entre eles.